

A ARTE DE OCUPAR: O DIREITO À CIDADE E A PRODUÇÃO DE TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS POR USUÁRIOS(AS)-ARTISTAS ATENDIDOS EM SERVIÇO COMUNITÁRIO DE SAÚDE MENTAL

The art of occupy: the right to the city and the production of existential territories by user-artists assisted in a community mental health service

El arte de ocupar: el derecho a la ciudad y la producción de territorios existenciales por artistas-usuarios(as) asistido en un servicio de salud mental comunitario

Salomão Mendonça de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-9158-6726>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Uberaba, MG, Brasil

Heliana Castro Alves

<https://orcid.org/0000-0001-8034-9648>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Uberaba, MG, Brasil

Beatriz Chiapina Ambrósio

<https://orcid.org/0009-0001-6967-5431>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais, Uberaba, MG, Brasil

Camila Bahia Leite

<https://orcid.org/0009-0000-6315-8794>

Fundação Gregorio F. Barembliitt/CAPs Maria Boneca, Uberaba, MG, Brasil

Rosimár Alves Querino

<https://orcid.org/0000-0002-7863-1211>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Saúde Coletiva, Uberaba, MG, Brasil

RESUMO

Introdução: Oficinas em serviços comunitários de saúde mental são espaços para produzir diferenças; romper com a normalização dos sujeitos, reinvenção de modos de ser, cuidar, viver e efetivar o direito à cidade. Experiências num programa de extensão em um Centro de Atenção Psicossocial agenciaram reflexões acerca da efetivação do direito à cidade por pessoas com transtornos mentais. **Objetivos:** Investigou-se possíveis contribuições das oficinas artísticas na produção de territórios existenciais, do cotidiano e da ocupação dos espaços da cidade por parte de usuários-artistas de um CAPS. **Métodos:** Desenvolvido com método etnográfico e entrevistas, o estudo envolveu dez usuários-artistas. Realizou-se análise de conteúdo temática dos dados. **Resultados:** A partir dessa análise, obtiveram-se as seguintes categorias: Ocupações e cotidiano; Caminhar, habitar e resistir; Oficinas de arte: produção artística e afetos. Os participantes apresentam variados cursos e atividades profissionais. A estruturação da rotina e das atividades do cotidiano foram agenciadas a partir das idas ao serviço comunitário. Deslocamentos territoriais nos bairros que residem e suas imediações, em instituições de saúde, educacionais, religiosas e lugares para lazer revelam diferentes níveis de autonomia e circulação pela cidade. As repercussões da oficina de artes na cidade giram em torno de idas e vindas proporcionadas pelas exposições, acompanhamento terapêutico e desejos pessoais. **Conclusão:** O serviço alimenta a tessitura de linhas de fuga, trocas materiais e simbólicas desses usuários-artistas e de tantos outros que por lá transitam. A Terapia Ocupacional como Produção de Vida, pode contribuir para a produção de agenciamentos, criação de fazeres e afetos que povoem os acontecimentos da vida.

Palavras-chave: Serviços Comunitários de Saúde Mental; Cidades; Arte; Terapia Ocupacional; Liberdade de Circulação

ABSTRACT

Introduction: Workshops in community mental health services are spaces intended to produce differences; break with the normalization of subjects; reinvent ways of being, caring or living; and fulfilling the right to the city. Experiences in an extension program at a Psychosocial Care Center facilitated reflections on the realization of the right to the city by people with mental disorders. **Objectives:** To investigate possible contributions of the arts workshop in the production of existential territories and the occupation of spaces in the city by the artist-users. **Methods:** Developed using an ethnographic method and interviews, the study involved ten user-artists. Thematic content analysis of the data was performed. **Results:** From this analysis, the following categories were obtained: Occupations and daily life; Walk, dwell and resist; Art Workshops: artistic production and affections. The participants present varied courses and professional activities. The structuring of routine and daily activities were arranged based on trips to community service. Territorial displacements through neighborhoods where they reside and their surroundings, in health, educational or religious institutions and places for leisure reveal different levels of autonomy and circulation around the city. The repercussions of the arts workshop in the city revolve around comings and goings provided by the exhibitions, therapeutic follow-up and personal desires. **Conclusion:** The service feeds the texture of lines of flight, the basis of material and symbolic exchanges of these user-artists and many others who transit there. Occupational Therapy as a Production of Life can contribute to the production of agencies, creation of actions and affections that populate the events of life.

Keywords: Community Mental Health Services; Cities; Art; Occupational Therapy; Freedom of Movement

RESUMEN

Introducción: Los talleres en los servicios comunitarios de salud mental son espacios para producir derecho a la ciudad. Experiencias en un programa de extensión en un Centro de Atención Psicossocial facilitaron reflexiones diferencias, romper con la normalización de los sujetos, reinventar formas de ser, cuidar, vivir y realizar el sobre la realización del derecho a la ciudad por las personas con trastorno mental. **Objetivos:** Posibles contribuciones de usuarios-artistas en el taller de artes para la producción de territorios existenciales y la ocupación de espacios en la ciudad por los artistas-usuarios. **Métodos:** Desarrollado mediante un método etnográfico y entrevistas, el estudio involucró a diez usuarios-artistas. Se realizó un análisis de contenido temático de los datos. **Resultados:** Se obtuvieron las siguientes categorías: Ocupaciones y vida cotidiana; Camina, habita y resiste; Talleres de Arte: producción artística y afectos. Los participantes presentan variados cursos y actividades profesionales, organizan su rutina y actividades diarias en función del servicio comunitario. Los talleres de arte tienen repercusiones en la ciudad en términos de exposiciones, acompañamiento terapéutico y deseos personales. Los desplazamientos territoriales en los barrios donde

residen y su entorno revelan diferentes niveles de autonomía y circulación por la ciudad. La Terapia Ocupacional como Producción de Vida puede contribuir a la producción de agencias, creación de acciones y afectos que pueblan los acontecimientos de la vida. Conclusión: La Terapia Ocupacional como Producción de Vida puede contribuir a la producción de agencias, creación de acciones y afectos que pueblan los acontecimientos de la vida.

Palabras clave: Servicios Comunitarios de Salud Mental; Ciudades; Arte; Terapia Ocupacional; Libertad de Circulación.

Como citar

Oliveira, S.M., Alves, H.C., Ambrósio, B.C., Leite, C.B. & Querino, R.A (2023). A Arte de Ocupar: O Direito à Cidade e a Produção de Territórios Existenciais por Usuários(as)-Artistas Atendidos em Serviço Comunitário de Saúde Mental. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(3), dossiê temático:1959-1977. DOI: 10.47222/2526-3544.rbt058621

Introdução

*Há um véu, uma cortina, um espanto que, para atravessar, só rasgando
Atravessando a parede, a invisível parede, apareço no palácio, na tela, na
janela da celebridade, mas minha palavra não sou só eu,
minha palavra é a cidade
Mundão redondo, capão redondo, coração
redondo na ciranda da solidariedade
A rua é noiz, cumpadi
Quem vê só um lado do mundo só sabe uma
parte da verdade
(Emicida e Elisa Lucinda, 2013)*

Autores como Henri Lefebvre e David Harvey contribuem na construção das noções acerca do “direito à cidade”. Em sua obra, Lefebvre destaca a necessidade dos sujeitos em protagonizar os desdobramentos urbanos e acena para as transformações da vida urbana no *modus operandis* capitalista (Lefebvre, 2001). Por sua vez, o geógrafo David Harvey expressa as relações desse direito como um clamor que ecoa dos movimentos sociais e urbanos (Harvey, 2012).

No Brasil, os movimentos sociais democráticos nas décadas de 1970 e 1980 se alinharam com o desejo popular de construir direitos e inscrevê-los na Constituição Federal. Desde então, o direito à cidade tem sido utilizado amplamente por diversos movimentos sociais e, mais recentemente, pela terapia ocupacional (T.O). Nesse ínterim, as produções, mudanças sociais, alterações na vida cotidiana e as novas configurações urbanas, bem como o envolvimento e participação social dos sujeitos nos meandros sociais, ganharam maior visibilidade (Correia & Gonçalves, 2021; Gonçalves, & Malfitano, 2021).

A cidade pode ser entendida para além de um cenário ou pano de fundo das ações cotidianas. É um campo de questões que implica envolvimento ocupacionais, territórios, sendo circundada, entre outros elementos, por um conglomerado de pessoas. Assim, a cidade é “um local cerimonial que corresponde a uma transformação na maneira de os homens ocuparem o espaço” (Rolnik, 1995, p. 13; Ramugondo & Kronenberg, 2015).

Os territórios proporcionam oportunidades assimétricas entre os que o ocupam, gerando situações conflitantes de justiça e injustiça no quesito do direito à cidade. A apropriação dos espaços pelos sujeitos consiste em escrever suas próprias marcas e em moldar a natureza e, em tal processo,

moldarem a si mesmos. Desse modo, o envolvimento ocupacional é estruturado por meio da realização das atividades cotidianas no uso do espaço social e sofre influências de um contexto global sócio-histórico-político (Correia, Gonçalves & Takeiti, 2021).

Essas apropriações se dão pelas transformações nos territórios existenciais. Segundo Félix Guattari (1992), quando se fala em território existencial, não está em voga apenas um território como um ponto estático. Muito mais que uma delimitação espacial, o território existencial é uma localização espaço-temporal, construindo-se a partir das relações produzidas num constante processo de feitura que reflete diretamente na saúde mental dos sujeitos (Lima & Yasui, 2014; Azambuja & Ferreira Neto, 2019).

Assim, alinhadas às lutas sociais, aos direitos das pessoas com transtornos mentais e às experiências que visam a integração dessas populações no espaço público, tais discussões compõem o rol de pesquisas e intervenções no campo da (T.O), principalmente a partir das atividades artístico-culturais. Cabe a profissão estimular a construção coletiva e o protagonismo dos sujeitos, assim como traçar linhas de fuga rumo à desconstrução da condição de um "usuário-objeto". (Soares, Eliane & Alvarez, 2009; Amarante & Torre, 2018).

Um desses exemplos é o das oficinas terapêuticas. Elas devem constituir um espaço para produzir diferenças, romper com as diretivas normalizadoras dos sujeitos e se apoiarem na perspectiva de reinvenção de modos de ser e viver (Rocha et al., 2019). Para a terapeuta ocupacional Mariângela Quarentei (2001, p. 195), há a necessidade de "inventar novas práticas e conceitos para lidar com a loucura que não sejam instrumentos de segregação, opressão e controle, mas sim de produção de vida". Contribui-se, assim, para a criação de formas concretas de produção do "usuário-ator" no contexto das práticas em saúde mental e, especificamente, nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e na cidade de um modo geral.

O presente estudo insere-se nesse debate e advém de experiências dos autores em um CAPS do interior de Minas Gerais. Foram agenciadas reflexões acerca da efetivação do direito à cidade por pessoas com transtornos mentais e das possíveis contribuições do serviço comunitário para o exercício desse direito. Nesse sentido, investigaram-se possíveis contribuições das oficinas de artes para a produção de territórios existenciais, cotidiano e a ocupação de espaços da cidade por parte de usuários-artistas de um CAPS.

Métodos

O cenário do estudo é um serviço comunitário de saúde mental, CAPS tipo II, localizado em uma cidade no interior de Minas Gerais. As ações desenvolvidas ocorreram em parceria com a universidade federal a partir de um programa de extensão. Trata-se de uma pesquisa descritiva com delineamento qualitativo, na qual empregaram-se a etnografia e entrevistas semiestruturadas.

A perspectiva interpretativista de Geertz (1978) guiou a imersão da equipe extensionista no cotidiano do CAPS com a observação apurada das práticas e relações construídas na oficina de artes

e no acompanhamento terapêutico (AT). A etnografia forneceu subsídios para a descrição densa dos acontecimentos e dos agenciamentos ocorridos no campo (Carvalho, 2014; Nunes & Torrente, 2013). Procurou-se “alimentar um exercício de reflexividade constitutivo da produção etnográfica, deslanchado a partir de um interessante movimento pendular produzido entre o estranhamento do outro e o descentramento de si, ou distanciamento daquilo que lhe é familiar” (Nunes; Torrente, 2013, p. 2861).

A oficina de artes ocorreu no espaço do CAPSe as exposições em espaços da universidade. O AT principiava no CAPS rumo aos espaços de uso coletivo – como praças, feiras, museus, exposições, centros comerciais, igrejas e parques –, e com apoio de transporte da universidade, expandiu-se para feira agropecuária, para o complexo paleontológico e para o Museu Casa de Portinari. Com periodicidade semanal, o AT e a oficina envolviam alunos da universidade federal supervisionados pelos profissionais do CAPS e pela docente coordenadora da extensão.

Os participantes foram usuários-artistas atendidos no CAPS que cumpriam os seguintes critérios de inclusão: com 18 anos ou mais; independente do diagnóstico e do tempo de atendimento no serviço; integrantes da oficina de artes no momento da construção de dados; e em condições de orientação e comunicação para conceder entrevista. O termo usuário-artista, adotado pelos autores, visa romper com a condição de usuário como denominação de cada participante e valorizar outros devires, como o devir artista. Dez usuários-artistas manifestaram interesse em contribuir com a pesquisa durante o convite feito nas oficinas.

O *corpus* da pesquisa constituiu-se dos diários de campo do pesquisador principal, elaborados entre o período de 2019-2022, advindos das experiências nas oficinas de artes e no AT, além de entrevistas semiestruturadas realizadas com os usuários-artistas no ano de 2022. Amparando-se na análise de conteúdo temática (Minayo, 2014), realizou-se a categorização analítica dos dados. Inicialmente, obtiveram-se cerca de 400 trechos que foram decupados em três grandes categorias: atendimentos em saúde; ocupações e relações com a arte. Após a decupagem, os trechos foram reduzidos a 200, tornando possível análises mais profundas quanto ao cotidiano, às oficinas de arte no CAPS e aos deslocamentos dos participantes da pesquisa pela cidade.

A análise temática resultou nas seguintes categorias: Ocupações e cotidiano; Caminhar, habitar e resistir; Oficinas de Arte: produção artística e afetos. A primeira categoria desvenda o histórico ocupacional dos usuários e suas atividades cotidianas. A segunda categoria cartografa a ocupação de espaços da cidade e mapeia a circulação dos usuários-artistas. Já a terceira categoria visa compreender os afetos no CAPS e as potências das oficinas para a produção de territórios existenciais.

A pesquisa atendeu às diretrizes éticas preconizadas na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer 3.607.748). Movida por diálogos e produções artísticas envolvendo o “passarinhar” e “voar livremente”, a equipe optou por utilizar nomes de animais que voam para identificar os/as participantes. Cada usuário(a)-artista foi

esclarecido, manifestou consentimento em termo específico tendo escolhido o nome do animal pelo qual seria identificado. Nos trechos das entrevistas, são indicados os codinomes dos/as participantes e, no caso dos diários de campo, foi empregada a sigla (DC) seguida do ano do registro.

Resultados e discussão

A Tabela 1 apresenta a caracterização do(a)s usuário(a)s-artistas. Como pode ser observado, a idade variou entre 26 e 59 anos; predominaram solteiros e o tempo mínimo de atendimento no CAPS foi de um ano e o máximo, de vinte e dois anos.

Tabela 1. Caracterização dos (as) usuários (as)-artistas segundo idade, identidade de gênero, estado civil e ano de admissão no CAPS.

Usuário-Artista	Idade	Identidade de gênero	Estado Civil	Admissão no CAPS
Águia	59 anos	Mulher cis	Divorciada	2013
Beija-flor	32 anos	Homem cis	Solteiro	2013
Beija-flor amarelo	59 anos	Homem cis	Casado	2022
Bem-te-vi-amarelo	33 anos	Homem cis	Solteiro	2021
Borboleta	28 anos	Mulher trans	Solteira	2018
Canarinho	26 anos	Homem cis	Solteiro	2013
Falcão	37 anos	Homem trans	Solteiro	2009
Harpia	51 anos	Homem cis	Solteiro	2001
Periquito	37 anos	Mulher cis	Solteira	2015
Sabiá	42 anos	Mulher cis	Divorciada	2014

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ocupações e cotidiano

Ao dialogar sobre suas atuais ocupações, os(as) participantes trouxeram seus processos formativos e dimensões das trajetórias laborais. No campo das ocupações, durante as entrevistas, identificaram-se variadas atividades educacionais e formativas realizadas e relatadas pelos participantes, tais como: cursos técnicos (radiologia, enfermagem, assistente administrativo, designer gráfico, empreendedorismo e informática), cursos de graduação (matemática e administração), bem como cursos livres (informática, idiomas, fotografia, manicure e de aperfeiçoamento para desenho e pintura).

Eu sou administrador agora também. Formei ano passado. (...) Consegui fazer essa proeza.
(Canarinho)

No finalzinho de 2014, eu pensei: vou fazer um curso no SENAC [Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial]. Em 2015, eu fiz o primeiro curso da minha vida - de fotografia - e nessa época eu já sofria de depressão. (Borboleta)

"Ah! Você passou no vestibular, né?" disse a minha psicóloga. Vamos fazer um trote com você". Aí pegaram fizeram um trote, raspam a minha cabeça (...) Foi divertido, fizeram o pedágio, compraram um guaraná pra mim foi divertido, eu já estava com 39 anos na época.

(Harpia)

Quanto às profissões, houve, dentre os(as) usuários-artistas, aqueles com experiências no ramo de administração, mecânica, enfermagem, pintura, auxiliar de produção, lava-jato, espetaria, salgadeira, professor particular, artesanato e atendimento ao público. As atividades profissionais - ou a falta delas - são marcantes nos relatos. Observa-se que alguns dos(as) entrevistados(as) exercem atividades que lhe dão algum retorno financeiro, sendo todas elas informais:

Se eu pudesse trabalhar, eu trabalharia com o que eu fazia, restauração de carros, mas é difícil, fazer o que? "Cê" não é dono de você. (Beija-flor amarelo)

Borboleta comentou do curso de manicure e Falcão do trabalho na pastelaria logo depois do CAPS. Eu me sinto orgulhoso de fazer parte da trajetória de vida deles, e do ganho na autonomia também. Na medida em que eu vou evoluindo no curso, eles também vão se formando, como no caso do Canarinho, passando na faculdade, pegando trabalhos extras como no caso do Beija-flor, fazendo cursos como Borboleta e empreendendo como Falcão. (DC, 2022)

Compreender o cotidiano e a produção de territórios existenciais contribui para o entendimento do processo de feitura dos territórios existenciais. Sawaia (1999, p. 24) se aproxima dessa discussão ao definir o "lugar de calor" como "[...] uma coletividade que, sem abrir mão de seu modo de ser, acolhe a multiplicidade, em movimento de recriação permanente da existência coletiva e um fluir de experiências sociais vividas como realidade do eu, mas partilhadas intersubjetivamente". As escolhas de atividades reconhecidas socialmente como as formativas e educacionais, além do trabalho, proporcionam caminhos rumo à efetivação da emancipação e da autonomia social (Amarante & Nunes, 2018).

Notou-se que as atividades diárias e a própria estruturação da rotina no cotidiano dos usuários-artistas eram agenciadas a partir das idas ao CAPS e às oficinas. O cotidiano dos(as) entrevistados(as) era preenchido por atividades que influenciam na mobilidade urbana em prol do tratamento.

Aí eu vou tomar café, tomar um banho, às vezes a F. [cuidadora de sua irmã paga pela família para ele conseguir ir ao CAPS] demora um pouquinho para chegar, mas não é culpa dela, não é, mas sou eu mesmo, sabe? (Harpia)

Geralmente, acordo às 7:00, pra mim tá tranquilo. [...] às vezes eu como um pouquinho, pego o ônibus às 11:20 e é tranquilo pra chegar. Chego aqui [CAPS] ainda demora para começar. [...] eu volto bem mais tarde, às 16:00 horas quando a gente termina aqui. É tranquilo, chego no terminal de ônibus, tomo um cafezinho até esperar meu ônibus, às vezes eu chego lá ele já "tá" encostado, é bem tranquilo. (Águia)

Tem que dormir cedo, mas mesmo assim muitas vezes eu chego atrasado aqui porque eu

sou meio desorganizado. [...] eu fico meio baratinado [...] com as coisas todas que tem que organizar. (Harpia)

De modo analítico, apropriar-se do conceito de mobilidade urbana nas avaliações em terapia ocupacional pode contribuir com que os profissionais estejam em um contato maior com as dinâmicas da vida cotidiana dos sujeitos e grupos que acompanham (Gonçalves & Malfitano, 2021). Nesse sentido, amparados pelo método etnográfico, pode-se analisar as dimensões objetivas e subjetivas, históricas, sociais e culturais da circulação desses sujeitos.

Os relatos de dificuldades ou facilidades para inserção em espaços que desejam permitem um olhar apurado sobre as ocupações dos(as) usuários-artistas e sobre o modo como esses têm se apropriado do tecido urbano, acenando as contradições sociais que se expressam na cidade. Nesse sentido, recupera-se aqui o diálogo com Milton Santos:

O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contraordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados (Santos, 2001, p. 114).

Nesse movimento entre reprodução da ordem e produção de uma contraordem, são tecidos, pelos(as) participantes do estudo, seus territórios existenciais, limitados e limitantes, transbordantes e emancipatórios. Não obstante, as práticas transeuntes realizadas pelos(as) usuários-artistas nos diversos territórios da vida cotidiana extrapolaram os espaços de saúde e ampliaram as possibilidades de análises em outros âmbitos, como a produção de vida.

Caminhar, habitar e resistir

O principal deslocamento pelo tecido urbano evidenciado na construção de dados foi de suas moradias ao CAPS. Tal deslocamento varia de usuário(a) para usuário(a), sendo mediado por familiares, realizado por intermédio de vans disponibilizadas pela secretaria de saúde e, no caso daqueles com maior autonomia, pela utilização do passe livre ou por outros meios de transporte.

Para poder participar da oficina eu preciso usar o ônibus, eu preciso usar os meios de transporte. Eu aprendi, eu continuo me movimentando, preciso socializar com as pessoas na rua. (Harpia)

O transporte pela van é tanto um facilitador quanto uma barreira para os(as) usuários(as)-artistas, pois ela tem delimitado o começo e o término de suas participações nas oficinas. Novamente, retoma-se aqui o conceito de mobilidade urbana. A mobilidade urbana para terapia ocupacional é um marcador que "demonstra fatores sociais, físicos, atitudinais que impedem e/ou limitam o verdadeiro exercício de participação social" (Gonçalves, & Malfitano, 2021, p.10). Utilizar (ou não) a van é referido pelos(as) usuários(as) como um recurso de autonomia e da condição de saúde:

A gente fez a oficina só que a van chegou muito cedo era 13:30 nem deu para eles começarem a desenhar efetivamente. (DC, 2022)

[Uma usuária-artista] acabou seu desenho e já falou: ' - Acabei aqui, pode ir embora?', Eu falei: '- São 14:00 horas. Se a senhora quiser ir, como a senhora vai? A senhora vai sozinha? Vai de van?' Ela falou: '- Não, eu não sou doida não. Eu não vou de van não. Eu vou sozinha porque eu não sou doida, eu sei andar pela cidade.'. (DC, 2021)

Observa-se, assim, que as percepções do cuidado são subjetivas, mas também tomam contornos coletivos tal como visto no entendimento pela usuária-artista ao se referir ao uso da van. Vinculado ao imaginário social de cidadania que fora atrelada ao *status quo* de "cura". Num sentido mais amplo, entendeu-se que a cidadania se incorpora a um deslocamento territorial cotidiano "ativo" nos bairros que residem e nas suas imediações, bem como outros acessos em dispositivos de saúde, lugares para lazer, de cunho educacional e religiosos.

Por exemplo, o dia que eu vim receber [benefício], minha cabeça não tava boa. Eu vim sozinha, aí daí eu faço tipo um como eu vou falar... um mapinha na minha cabeça, sabe? Aonde que eu vou, aonde que eu tenho que ir pra voltar do mesmo jeito e tento fazer um bloqueio do que eu não quero ver. (Águia)

Ao se referirem aos diversos espaços pelos quais circulam, os(as) entrevistados compartilharam impressões de como olham a cidade e de como a cidade os olha de volta:

É tranquilo, você vai olhando a cidade, mesmo aquele que é o mesmo caminho que o ônibus faz, parece que tem dia que tem algo diferente no caminho. Nunca é igual! [...] Assim, eu olho, penso que aquela árvore que eu vi aquele dia na minha cabeça hoje ela tava diferente, ela tava mais bonita, tem outras pessoas diferentes, você vê outros rostos diferentes, então, é gratificante. (Águia)

Nesse mesmo sentido, é possível compreender a estratégia de Águia que, deslocando-se até o banco sozinha, em um dia que não "tava boa", construiu "um mapinha na cabeça". A dobra do corpo se materializa sobre si mesma e escorre pela cidade como o que Guatarri (1992, p. 155) denomina "poliformia das formações subjetivas" ao exemplificar a diversidade de percepções dos espaços da cidade por uma mesma pessoa. Os(as) participantes compartilharam desafios, estratégias criadas e, também, o quanto essa circulação pela cidade pode ser acompanhada por sentimentos distintos, ora de apreciação nos trajetos, mas também de dor e rejeição.

Muitos preconceitos. Você passa na porta de um carro, as pessoas fecham a porta na sua cara com medo de você roubar. As pessoas passam perto de você com cara feia, acham que você é ladrão, é bandido, que você é doido, que você vai atacar elas. (...) Então, a gente mesmo vai sentindo... na própria pele. Ninguém vai... isso dói. (Beija-flor amarelo)

Destarte, as pessoas com transtornos mentais enfrentam uma barreira dupla de repressão na

sociedade. De acordo com Raquel Rolnik (1988, p.10), "ser habitante da cidade é estar ao mesmo tempo protegido e reprimido por suas muralhas". Essa dupla camada causa uma espécie de morte ou invisibilidade social para os sujeitos considerados "loucos". Nas últimas décadas, como reflexo do processo de reforma psiquiátrica no Brasil e esgueirando-se dos desmontes estruturais que vivem, os CAPS's se destacam como exemplo do cuidado em liberdade, de autonomia e de respeito (Cruz, Gonçalves & Delgado, 2020; Amarante, Nunes, 2018).

Eu fui ao anfiteatro [da universidade federal] pra ir na palestra de uma deputada do estado de Minas Gerais. Eu amei conhecer ela [...]. Eu tive a mesma felicidade de te ver lá, foi muito bom! (Borboleta)

A apropriação da cidade e de espaços de uso coletivo e político têm ocorrido, também, com o acompanhamento terapêutico (AT) grupal realizado no CAPS com a inserção dos extensionistas. Com as caminhadas do AT, os(as) usuários(as)-artistas vão riscando e produzindo a vida pelas ruas, instituições e espaços da cidade, inclusive na universidade federal:

Com o passar do tempo, seus rostos foram se confundindo com o de alunos, trabalhadores e atores. Talvez mais que pincéis a gente tenha com a arte o poder de escrita de si e do outro, preenchendo num espaço vazio como o vão de um prédio institucional o átrio de um coração que pulsa luta (AT na universidade federal). (DC, 2022)

Encontram-se aqui linhas de fuga para um novo trilhar pela cidade, a ocupação da cidade e a tessitura de territórios existenciais pelas pessoas com transtornos mentais. Nesse sentido, um dos focos de atuação do terapeuta ocupacional pode ser exemplificado pelas atividades desenvolvidas pelo PACTO (Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional), da Faculdade de Medicina da USP. Nele são propostas ações de ensino, pesquisa e extensão que refletem e criam projetos que questionam sobre acessibilidade cultural e social especialmente voltada às atividades artísticas e suas implicações na cidade (Soares, Eliane & Alvarez, 2009). "Recentrar a psiquiatria na cidade não significa implantar aí mais ou menos artificialmente equipamentos e equipes extra-hospitalares, mas reinventá-la ao mesmo tempo em que se desenvolvem outras práticas sociais com a ajuda direta das populações concernidas" (Guattari, 1992, p.195). O ampliar dos deslocamentos se faz sentir no planejamento e na ocupação de outros espaços e outras atividades por vezes permeadas pela arte:

Essas semanas atrás eu fui numa [apresentação de] orquestra sinfônica. Eu vou na concha acústica quando tem as músicas que eu gosto. [...] Eu vou ao Teatro Experimental. Eu tô querendo qualquer dia desses ir lá no Teatro, porque eu gosto de ópera, ópera e música clássica andam de mãos dadas. (Borboleta)

Antes da pandemia, eu me associei [à casa do artesão]. Tem várias reuniões que eu vou e tem minhas telas, umas oito, que tá lá pra vender, Tô dando aula também. (Beija-flor)

Ao reconhecer-se habitando outros mundos, outros possíveis, os(as) usuários(as)-artistas

tensionam os limites da terminologia patologizante de seu diagnóstico (Amarante & Torre, 2018). Insurgem-se contra os processos de patologização da vida e estigmas sociais historicamente constituídos nos quais as condições de saúde, principalmente as chamadas “doenças mentais” são interpretadas como expoentes de sofrimento, adoecimento e perigo (Foucault, 2008). Ao apostar nos bons encontros, as práticas transeuntes e viagens realizadas junto com os extensionistas do “Territórios de Vida” contribuem para um CAPS rizomático e amplificado:

O CAPS tem a abrangência de acessar nossos diversos eus [...] Pessoas de religiões diversas, voltando no ônibus cantando pontos de umbanda, compartilhando ancestralidade e comungando vida. [Viagem à Peirópolis]. (DC, 2022)

O ônibus era muito animado, pessoal dançando, chegando lá [Brodowski], a cidade tinha várias produções de arte espalhadas, o cheiro da casa de Portinari era um cheiro artístico, era um cheiro diferente. (DC, 2022)

A gente foi para a praça e para a igreja de Batatais-SP. Foi muito bonito, muito bonito o pessoal que era de outra religião entrando na capela [da Casa de Portinari e na igreja]. (DC, 2022)

Oficinas de arte: produção artística e afetos

No cotidiano do CAPS, a produção artística e o diálogo com a cultura vão muito além de quadros e telas. Ao longo da pesquisa, foi possível colher relatos e acompanhar outras oficinas: poesia; laboratório de esquizodrama; pintura em camiseta; sabão; alongamento e relaxamento; vidro; bordado e costura.

Já participei de muitas oficinas, desde 2012, mas hoje só a de arte. Participei da oficina de costura, pintura em camiseta [...]. (Águia)

Participei do laboratório [de esquizodrama] [...]. A doutora F. orientava a gente a fazer uma pequena ginástica. Esquizodrama, você faz uma pequena ginástica, você botava os bichos para fora, tinha um negócio assim de botar os bichos para fora. Quando estava estressado botava os bichos pra fora, fazia um teatrinho. Fazia um teatrinho de dramas da vida, ela lançava um tema, às vezes era outra psicóloga, lançava um tema pra gente fazer um teatrinho da vida. Tocava uma música, tinha relaxamento, era gostoso. (Harpia)

D.I escrevia muito bem sua poesia e falava de amor, baseado na Hilda Hilst como disparador. Era um convite: 'Amar nos deixa formosa, por sentir o resplandecer de ser poderosa. Vamos amar e trilhar'. (DC, 2022).

A relação intrínseca e significativa entre a arte e ser artista foi indicada em diversos relatos, como os de Borboleta e Águia, evidenciando o impacto das oficinas de arte para a produção de subjetividades:

Nossa, o que é arte para mim? Assim, ... é como diz no refrão do hino do Flamengo: "Eu teria um desgosto profundo se faltasse o Flamengo no mundo". É isso que eu digo da arte, eu teria um desgosto profundo se faltasse a arte no meu mundo. (Borboleta)

Eu coloco [arte] no papel, na tábua, na parede da minha casa, porque eu sou! o que tá dentro de mim, eu sou artista, coloco pra fora o que tá dentro de mim, o que eu sinto no momento. (Águia)

Harvey (2014) aponta que o Estado é necessário para a reprodução e a manutenção do modo de produção capitalista. A loucura não cabe no capitalismo, nem na captura neoliberal dos desejos. A Terapia Ocupacional como produção de vida, conforme destaca Mariângela Quarentei (1994), pode contribuir para a produção de agenciamentos e para a criação de fazeres e afetos que povoam os acontecimentos da vida. De acordo com a autora, a profissão reconhece que:

Conversar, escrever, cozinhar, pintar, passear etc, são modos de cuidar/estar/escutar/acolher o sofrimento, a loucura; dar-lhes tempo e matéria para que, filmando, passeando, cozinhando, cantando recriem maneiras de estar no mundo... As atividades, o fazer humano, são tomadas como territórios, potência e matéria de criação, expressão ... de modos de existir, de novos começos e da própria fabricação de mundos (Quarentei, 1994, p. 26-27).

Além de múltiplas, as oficinas de arte são como um catalisador de desejos, uma oportunidade de convivência social e um dispositivo capaz de alterar as configurações dos territórios existenciais dos usuários-artistas. Elas são uma oportunidade para "experimentar, aprender, apreciar, expressar-se, desenvolver-se, criar e produzir". Nelas, o foco não é a cura-produtividade, mas a produção de vida, atividades que carreguem sentido (Quarentei, 1999, p. 197).

Acho que me dá um pouco de sensação de liberdade [...] por exemplo, a beleza de uma ave assim [referindo-se ao seu desenho], uma ave pousada num galho é bonito, né? É bonito ver uma ave pousada no galho ou até uma ave voando assim, a liberdade da ave voando. (Harpia)

O principal benefício que eu acho, é o convívio social. Eu saio pouco de casa, aí quando eu venho para cá, eu fico pintando, desenhando, a gente conversa um pouco, eu vejo os desenhos dos outros. E quando tem mais gente fazendo, a atividade fica ainda mais prazerosa. Eu venho justamente pra ter mais contato com as pessoas. (Beija-flor)

A oficina de artes pra mim é como andar pelado por aí, mas não uma nudez corporal, mas sim uma nudez da alma, porque a arte ela mostra seu desabafo. Inclusive, semana passada eu escrevi um poema sobre uma coisa que eu jamais passei, escrevi um poema sobre a fome, eu nunca passei, mas meu pai e minha mãe já passaram. (Borboleta)

As instituições tendem a promover mais uma autorreprodução de suas necessidades do que

responder às necessidades dos usuários. Assim, faz parte do processo de desinstitucionalização inverter essas lógicas (Quarentei, 1999, p. 198). Percebeu-se, na constituição do CAPS e das oficinas de arte, um lugar de acolhida das demandas pessoais e coletivas:

O CAPS mudou muito a minha vida, hoje sou uma pessoa forte. Depois que eu comecei eu tive a perda do meu marido e fiquei de pé. Ninguém acreditava que eu ia ficar de pé do jeito que eu fiquei, e eu fiquei!, por quê? Eu estava aqui dentro. Então, o CAPS pra mim é tudo. (Águia)

Antes da D. (seu nome social), eu era uma pessoa triste [...]. Depois que eu entrei no CAPS e nas eleições de 2018, eu me descobri trans. (Borboleta)

Parece até que é uma festa, porque é um compromisso. Eu sinto que sempre tem que estar lá [nas oficinas de arte] no horário certo que combinou, e eu gosto disso de horários. Agora eu pus na minha mente: segue seus horários, seus compromissos. (Falcão)

Durante as oficinas artísticas, são compartilhadas e estimuladas as noções sobre as suas condições de saúde, as estratégias utilizadas para o manejo de dificuldades e os instrumentos que incrementam suas produções artísticas:

O principal remédio que eu tomo, que é o que evita mesmo a crise, ele dá um pouco de rigidez na mão direita. Eu fiquei com muito medo de piorar e não conseguir desenhar mais. Aí eu comecei a desenhar com a mão esquerda, fiquei uns dois anos escrevendo com a mão esquerda, foi passando o tempo fui desenhando com a mão esquerda. Hoje eu sei desenhar com as duas. (Beija-Flor)

Eu trago meus instrumentos [a borracha e engrossador de lápis que fez para aprimorar sua técnica] para usar na oficina. Fui eu que fiz na oficina do meu pai. (Canarinho)

Intervenções dentro da própria oficina também foram registradas como na atuação de Beija-flor como oficinheiro, fomentando assim a participação de outros usuários-artistas e ensinando suas técnicas:

O Beija-flor foi, a pedido da psicóloga, para ajudar na oficina. A primeira vez que ele não foi como participante da oficina, como usuário, foi como auxiliar, igual a gente [extensionista]. (DC, 2021)

No diálogo com os(as) participantes, apreendeu-se diferentes apropriações do espaço urbano, ora mediadas pela produção artística, ora por demandas de cuidado ou de geração de renda. Foram encontradas relações entre as atividades artísticas, a ocupação dos espaços da cidade, o cotidiano e a produção de territórios. Como visto, os resultados da primeira categoria "Ocupações e Cotidiano" expressam as vontades e as necessidades dos (as) usuários (as)-artistas de entrarem para o mundo do trabalho. Tais vontades podem advir de questões morais e pressões do imaginário social, pois

muitos se veem entre a autonomia gerada pelo trabalho e o contraste da perda de direitos como o benefício de prestação continuada (BPC).

Desde quinta eu tenho que arrumar o material que eu vou trazer e, às vezes, eu vou no centro da cidade também para pagar umas contas. (Harpia)

De acordo com o que a pessoa participa, e com o que vende nas exposições, as pessoas de fora interessam pelos desenhos, aí reparte e divide pelos participantes da oficina. (Harpia)

Ultimamente eu tô pegando muita encomenda de obras de arte. Tô com oito encomendas. Antes eu pegava de vez em quando pela internet, na página do Facebook. Agora, eu criei uma outra de desenho também, mas as encomendas que eu tô pegando mais é no shopping [onde estava participando de uma exposição]. (Beija-Flor)

Por mais que as relações quanto aos modelos assistenciais estejam passando por mudanças, há diversas resistências a respeito, o que colide com os movimentos pró-institucionalizantes, práticas iatrogênicas e outras formas patologizantes do cotidiano (Amarante & Nunes, 2018). As repercussões das oficinas de arte na cidade giram em torno das idas e vindas proporcionadas pelas exposições, pelo acompanhamento terapêutico e por desejos pessoais. As exposições percorreram por universidades, museus e parques.

Sobre o dia de hoje [esquizodrama na universidade], antes de eu vir eu pensei: "Ai não vou não, aí depois eu falei vou sim. Eu sabia que meus quadros estavam lá, por causa do evento do SUS, inclusive eu vi meus quadros lá e mostrei pros meus amigos do CAPS". (Borboleta)

Então, eu fui aprendendo muito com o CAPS, com os médicos, com os terapeutas até os caminhos né? Mudar de caminho, igual eu vejo na na minha cabeça, hoje eu preciso mudar de caminho, eu não posso andar só pelo um caminho só, tem vezes que eu mudo até de ônibus, para "mim" não fazer o mesmo caminho, tudo eu aprendi aqui dentro do CAPS. (Águia)

A relação do deslocamento casa-CAPS dentro do direito à cidade imbrica-se com a proposição da urbanista brasileira Ermínia Maricato, Colosso e Comarú (2018, p. 207), a respeito dos Planos Diretores das cidades, esses "devem ser orientados pela realidade social, econômica, territorial e ambiental, definidos não apenas pela participação social, mas também por indicadores que dão a conhecer os problemas e as necessidades sociais". Desse modo, faz-se necessária a ocupação da cidade como um todo e intervenções a partir da multiplicidade de eventos, atos públicos, passeatas entre outras manifestações coletivas (Amarante & Torre, 2018).

Para além das oficinas artísticas e exposições, houve agenciamentos dos(as) próprios(as) usuários(as)-artistas ao participarem da associação de artesãos da cidade, exposições em shoppings, visitas a teatros e ampliação virtual dos territórios como a criação de páginas em mídias sociais para expor os seus trabalhos. Assim, tudo respinga arte principalmente na cidade:

Eu desanimava e falava; "Ih"! pra que eu vou desenhar, isso não dá futuro, da nada". Mas com a ajuda dela [psicóloga], as exposições e desenhos que ela também faz, dá mais animação. (Falcão)

Amo ver as minhas artes, e expor as minhas artes por aí, pela cidade, porque pra mim a arte é como um desabafo da alma. (Borboleta)

Questionei o Beija-flor sobre como estavam as obras no hotel geriátrico. Ele disse que já tinha encaminhado duas obras e que o dono vai esperar um pouco para fazer outro mural. Está associado à casa do artesão de Uberaba agora, tem feito desenhos e aprendido a fazer molduras em mdf, vão realizar uma exposição no shopping. (DC, 2021)

[Ao ser perguntado se a produção artística amplia seus direitos]: Sim, meus direitos sim, direito de liberdade, de viver em sociedade. A sociedade me vê com outro olhar. (Bem-te-vi amarelo)

O convite de Amarante & Torre (2018) para que o cidadão possa ocupar a cidade está em consonância com os argumentos de Harvey (2014, p. 15) em relação ao fato de que o direito à cidade "Não surge fundamentalmente de diferentes caprichos e modismos intelectuais [...]. Surge basicamente das ruas, dos bairros, como um grito de socorro e amparo de pessoas oprimidas em tempos de desespero".

Levando em consideração que a garantia desse domínio passa pela ocupação material e ritual do território (Rolnik, 1995), é possível afirmar que as práticas oficinairas no CAPS estão voltadas às configurações/desconfigurações/reconfigurações sofridas pelos territórios existenciais. Segundo Lefebvre (2006), a apropriação dos espaços para os(as) indivíduos ou para os grupos consiste em modelá-los, colocar suas próprias marcas ou "selos". Portanto, habitar diz respeito a fazer frente aos constrangimentos exercendo a (re)apropriação dos espaços.

Assim, é possível empregar o conceito de "território usado" de Milton Santos:

O território é o chão e mais a população [...], o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população (2001, p. 96).

As oficinas contribuem para uma outra dimensão da produção artística e estimulam diálogos sobre outras questões, tais como: política, direitos, cultura, religiosidade e vida cotidiana. Ficaram evidentes os deslocamentos, mesmo que sensíveis, dentro e fora do CAPS. Isso contribuiu para estruturas de rotina que têm maior frequência entre suas casas e o serviço de saúde mental, mas também entre outros dispositivos da cidade como parques, museus, comércios, terminais de ônibus, instituições educacionais e profissionalizantes, entre outros.

As atividades e acompanhamentos terapêuticos proporcionam a quebra do chão e das paredes institucionais, não ao caminho de um abismo e da negligência, e sim na busca de holofotes que iluminam a vida. De modo mais "Gonzaguinha" possível, apesar das amarguras, "é bonita, é bonita", pois se aprende tanto nas diversas lições diárias, nos afetos, nas viagens, nas pinturas e nas escritas de si e do outro decalcadas na cidade. Ousa-se, aqui, amparados em Amarante & Torre (2018), afirmar a vitalidade da inserção da loucura nos territórios urbanos ancorada no direito à cidade e na ampliação do cuidado para além dos muros institucionais, tecendo assim o cuidado em liberdade em uma cidade plural.

Na experiência dos(as) usuários(as)-artistas participantes do estudo, verifica-se a criação de novos mundos alinhados à "produção de vida", tal conceito diz respeito à produção de modos de existir no mundo, perpassando pela criação e construção de um "*continuum* de atividades" no dia a dia (Quarentei, 2001, p. 2). Esses deslocamentos artísticos foram mediados e reverberados pela arte.

Mesmo que a cidade promova cisões e contradições que sustentam o urbano, tais ações segregantes são redutoras da prática real depositadas no cotidiano que, ao mesmo tempo, é produto e resíduo da história. Os afetos produzidos contribuem para o alargamento da noção de dignidade social. O passe livre para os usuários, por exemplo, é uma efetivação desse direito. "Uma existência mais rica de recursos, possibilidades e experiências, é também uma existência em movimento-mudança" (Quarentei, 1999, p. 198).

A existência em movimento-mudança requer olhar para a realidade dos (as) usuários (as)-artistas de modo horizontal, o que proporciona a experiência de (re)alteridade, onde o ser dá lugar ao devir, à arte e às palavras. O verbo trancar é transmutado em "passarilhar", alçando novos voos para as práticas de uma *clínica* da diferença e do cuidado em liberdade (Barembly, 2002).

Conclusões

Como visto, viver o direito à cidade esteve permeado por enfrentamentos, por (des)construções de preconceitos e clausuras e, também, relacionado às sensações de liberdade. Nesse caminhar, as experimentações incitadas pela arte ampliam o cuidado em liberdade, assim como enunciam novas e outras identidades e formas de pertencer.

Acompanhou-se aqui a experiência de usuários(as)-artistas com trajetórias singulares, inseridos em um CAPS que valoriza a dimensão cultural em várias oficinas e em ações na comunidade. Em estudos futuros, o diálogo com integrantes da comunidade, como vizinhos, profissionais de instituições, clientes e públicos-alvo das exposições de arte podem ampliar a discussão sobre as trocas sociais, o direito à vida vivida e as potências da arte para fomentar novas relações com a loucura e efetivar o direito à cidade.

A aproximação da realidade dos(as) usuários(as)-artistas por meio de suas ocupações e circulação pela cidade trouxe contribuições significativas para a compreensão do quanto o CAPS tem sedimentado o cuidado nos territórios, seja por meio do acompanhamento terapêutico seja pelo

incentivo à expansão da autonomia dos usuários e ao rompimento com lógicas excludentes, segregacionistas e patologizantes. Com base nos resultados do estudo, constatou-se que o CAPS alimenta a tessitura de linhas de fuga num território usado, baseado-se nas trocas materiais e simbólicas desses usuários-artistas e de tantos outros que por lá transitam.

Há que se investir na ampliação da abordagem dos significados do cuidado nos territórios em terapia ocupacional, como preconizado pela Reforma Psiquiátrica de modo a perceber que essa dimensão requer o aprofundamento das discussões sobre a produção e reprodução da lógica capitalista que, historicamente, aprisionou esses corpos dissonantes. Destarte, cartografar a movimentação e produção de territórios existenciais pode inspirar outras iniciativas em serviços comunitários.

Nesse contexto, ser permeado por múltiplas expressões artísticas faz desse cenário de estudo um propulsor de linhas de fuga nas quais o “passarinhar” fortalece as asas de Borboleta, Beija-Flor, Canarinho, Harpia e tantos outros e outras.

Referências

Amarante, P., & Torre, E. H. G. (2018). “De volta à cidade, sr. cidadão!” - reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. *Revista De Administração Pública*, 52(Rev. Adm. Pública, 2018 52(6), 1090–1107.

<https://doi.org/10.1590/0034-761220170130>

Amarante, P., & Nunes, M. de O.. (2018). A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 2067–2074.

<https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>.

Azambuja, M. A. de, & Ferreira Neto, J. L.. (2019). Do Território à multiterritorialidade entre usuários, trabalhadores e pesquisadores em Saúde Mental. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 39(spe2), e226200. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003226200>

Baremlitt, G.F. (2002). *Dez proposições descartáveis acerca do esquizodrama (mimeo.)*.

Recuperado em 3 maio, 2023, de <http://artigosgregorio.blogspot.com/2008/02/dez-proposies-descartveis-acerca-do.html>

Carvalho, M. (2014). Dilemas na/da Reforma Psiquiátrica: notas etnográficas sobre o cotidiano de um Centro de Atenção Psicossocial. In: Ferreira, J.; Fleischer, S. (Orgs.). *Etnografia em serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Garamond, 81-106.

Correia, R. L., & Gonçalves, M. V.. (2021). Terapia ocupacional e o direito à cidade. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 29, e2757. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF2082>

Correia, R. L., Gonçalves, M. V., & Takeiti, B. A. (2021). A Terapia Ocupacional pode ajudar as cidades?

Revista Políticas Públicas & Cidades, 1(1), 1–6.

Cruz, N. F. de O., Gonçalves, R. W., & Deperceplgado, P. G. G.. (2020). Retrocesso da reforma psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019. *Trabalho, Educação E Saúde*, 18(3), e00285117. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00285>

Ferreira, T. P. da S., Sampaio, J., Souza, A. C. do N., Oliveira, D. L. de ., & Gomes, L. B.. (2017). Produção do cuidado em Saúde Mental: desafios para além dos muros institucionais. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(61), Botucatu, 373–384. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0139>

Foucault, M (2008). *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Geertz C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Geertz C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar; 1978. p. 13-41.

Gonçalves, M. V., & Malfitano, A. P. S.. (2021). O conceito de mobilidade urbana: articulando ações em terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 29, e2523. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF1929>

Gonzaguinha. (1982). Caminhos do coração. In: GONZAGUINHA. *Caminhos do coração*. [S.l.] EMI-Odeon, 1 CD.

Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Harvey, D. (2012). *O direito à cidade*. *Lutas Sociais*, (29), 73–89.

Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade*. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. Título original: *Le Droit à la Ville*.

Lefebvre, H. (2006). *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

Lima, E. M. F. de A., & Yasui, S.. (2014). Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. *Saúde Em Debate*, 38(102), 593–606. <https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140055>

Maricato, E., Colosso, P., & Comarú, F. de A.. (2018). Um projeto para as cidades brasileiras e o lugar da saúde pública. *Saúde Em Debate*, 42(spe3), 199–211. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S315>

Minayo, M. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14a edição. São Paulo: Hucitec.

Nunes, M. de O., & Torrenté, M. de. (2013). Abordagem etnográfica na pesquisa e intervenção em saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(10), 2859–2868. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000010>

Oliveira, L. R. de & Lucinda, E. (2014). 1 vídeo (1min9s). Milionário do sonho. *Publicado no canal Emicida*.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QltUrxFJB0>. Acesso em: 26 março 2023.

Quarentei, M.S. (1994) Atividades: territórios para a expressão e criação de afetos. *Boletim de Psiquiatria*, São Paulo, 27(1), 26-27.

Quarentei, M. S. (1999). Criando lugar(es) para acolher a falta de lugar. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 3(5). Botucatu, 195–202. <https://doi.org/10.1590/S1414-32831999000200029>

Quarentei, M. S. (2001). Terapia ocupacional e produção de vida. *In Anais do 7º Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*, 1-8. Porto Alegre: ABRATO.

Ramugondo, E. L., & Kronenberg, F. (2015). Explaining collective occupations from a human relations perspective: bridging the individual-collective dichotomy. *Journal of Occupational Science*, 22(1), 3-16. <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2013.781920>.

Rocha, T.H.R, Pena B. V., Manfré, M., & Jesus, L. M. (2019). A desinstitucionalização no contexto da reforma psiquiátrica e seus desdobramentos: um relato sobre práticas em um caps. *Vínculo*, 16(1), 01- 16. <http://dx.doi.org/10.32467>

Rolnik, R. (1995). *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense.

Santos. M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record.

Sawaia, B. B. (Org.). (1999). *As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Soares, M. R. de M., Castro, E. D. de, & Inforsato, E. A. (2009). *Cidade adentro, cidade afora: histórias entre Associação Morungaba e PACTO-USP*. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 20(3), 193-198. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i3p193-198>

Contribuição dos autores: S. M. O. elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. H. C. A. orientação do trabalho, análise dos dados e revisão do texto. R. A. Q. orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto. B. C. A. coleta de dados, análise dos dados, revisão do texto. C. B. L. análise dos dados, revisão do texto..

Recebido em: 08/05/2023

Aceito em: 05/07/2023

Publicado em: 15/08/2023

Editor(a): Monica Gonçalves Villaça